

# Mulher de Durão Barroso assume doença



## ISALTINA PADRÃO

A vida de Margarida Uva, mulher do primeiro-ministro Durão Barroso, mudou radicalmente quando, há nove anos, descobriu que tinha fibromialgia. «Há dias em que funciono e há outros em que, pura e simplesmente, não funciono», disse ao DN. Mas o diagnóstico da doença acabou por ser um «alívio». Afinal, «quando se dá um nome às coisas, estas tornam-se menos assustadoras».

Deu ontem a cara pela doença, no dia da apresentação da Myos \_ Associação Nacional Contra a Fibromialgia e Síndrome de Fadiga Crónica. Um gesto que «não lhe custou rigorosamente nada», pois serve para ajudar os que sofrem da mesma patologia. Foi também para cumprir esta missão que quatro mulheres fibromiálgicas fundaram a referida associação, para a qual Margarida Sousa Uva foi eleita presidente honorária

Os sintomas de fadiga constante, sono e dores, muitas dores, fizeram com que a mulher do primeiro-ministro vivesse, durante anos, com uma grande culpa \_ «sentia-me preguiçosa.» Afinal, tudo tinha explicação: sofria de uma doença crónica que só com alguma medicação e muito exercício se torna suportável

Também a jornalista Maria Elisa Domingues sente na pele esta dolorosa realidade, que a obrigou a mudar a sua forma de estar na vida. Adoeceu em Janeiro de 2001. Quatro ou cinco meses depois surgiu a hipótese de ter fibromialgia. Desde então, vive com «uma dor generalizada, perturbações de sono e, em consequência, uma fadiga constante». Sair à noite tornou-se praticamente impossível, pois precisa de descansar. Subscrevendo a teoria do primeiro sócio da Myos, Jaime Rebelo Pinto \_ «um fibromiálgico só é verdadeiramente compreendido por outro fibromiálgico» \_, Maria Elisa tem dado a cara pela doença, tornando-se presidente da comissão instaladora da associação que espera actuar a nível nacional.

Dando o seu testemunho pessoal, muitos pacientes agradeceram ontem o facto de estas duas figuras públicas assumirem sofrer do mesmo mal que eles, caso contrário «nós, os fibromiálgicos, continuaríamos a ser ridicularizados», desabafou o primeiro homem português a quem foi diagnosticada a doença. Porquê ridicularizados? Porque, segundo Jaime Branco, presidente da Sociedade Portuguesa de Reumatologia, se trata de uma «doença caprichosa», que não é possível diagnosticar através de exames específicos. «A doença tem um diagnóstico exclusivamente clínico», explica, desaconselhando a entrada em pânico a quem sentir sintomas semelhantes

Para que o diagnóstico seja positivo, é necessário que, durante três meses, persistam dores em 11 dos 18 pontos susceptíveis de a sentir. Jaime Branco chama a atenção para o facto de, apesar de a doença «não ter cura, ter tratamento».

Tão ou mais importante que a medicação é o exercício. Por isso, o especialista recomenda aos pacientes que não deixem de trabalhar mesmo que tenham de mudar de profissão. «Quem se reformou piorou.